

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 11 — 30 DE DEZEMBRO DE 1935

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



ALICE FAYE

NESTE NÚMERO: O GALÃ IDEAL, POR HENRY GARAT

A verdade, a triste verdade, é esta: os portugueses continuam a desconhecer a Madeira, parecem ignorá-la e desprezam o cenário maravilhoso, que constitui a sua paisagem deslumbrante, quando pensam em realizar os seus filmes. A Madeira fica a 48 horas de viagem. A deslocação e a estadia não oneram demasiadamente a folha de encargos da produção, tanto mais que os madeirenses, quando se trata de fazer algo pela sua terra, procuram reduzir ao mínimo todas as dificuldades, e sabem ser gentis e hospitaleiros, como nenhuns outros.

No entanto, ninguém se atreve a realizar um simples, um banal documentário sobre a Madeira, e muito menos a aproveitar o seu cenário de encantamento para local de acção de qualquer filme.

Entretanto, os cineastas estrangeiros não pensam assim. Vimos já três documentários sobre a «Pérola do Atlântico», manivelados por cineastas americanos e franceses. A «troupe» alemã que veio filmar a Lisboa «Porque ri, menina Catarina», seguiu para a Madeira. Pierre Chenal aproveitou também a Madeira para local de acção de «Les Mutinés de L'Elseneur». E Karl Grüne instalou-se no Funchal para filmar «The Marriage of Corbal», segundo o romance célebre de Rafael Sabatini.

A «troupe» inglesa que realiza este último filme, concluiu também um documentário, intitulado «From London to Madeiras», que tem a sua exhibição desde já assegurada em 7000 cinemas da Europa e da América.

Temos, presentes, os jornais da Madeira que nos falam sobre a estada destas «troupes» naquela ilha, e vamos resumir as notícias que mais interessam, concernentes ao facto.

«Os amotinados do Elseneur»

O *Podua*, o estúdio ambulante, que esteve nas águas do Tejo, aprofou à Madeira, sem novidade de maior. Durante alguns dias filmou ao largo, e só mais tarde aprofou ao Funchal, para a realização de cenas no porto e na praia.

A presença de Jean Murat na ilha da Madeira constituiu um verdadeiro acontecimento. Actor da «velha guarda», querido de todos, encantoso aos seus admiradores e as suas admiradoras, com a sua natural despreensão. Não têm um interesse de maior as suas declarações à imprensa. Limitou-se a reeditar o que disse em Lisboa. Há, porém, uma passagem que queremos reproduzir da entrevista que concedeu ao *Diário da Madeira*, porque confirma um assunto tão debatido em Lisboa, quando da sua estada entre nós — a realização do seu primeiro filme em Portugal:

«— É certo que tenciono fazer mais um filme em Portugal, e que tem comprometida uma «vedeta» portuguesa, Maria Paula? — interrogou o jornalista.

«— É. Devo voltar no mês de Março.

«— Fala-se em Nascimento Fernandes...

«— Não. De positivo, isto é: de pensada-

mente positivo, só Maria Paula. O resto... ver-se-á depois.

«— E na Madeira? Não gostaria de filmar?

«— Isso não se pergunta... Pierre Chenal, como todos nós, está encantado com a sua terra. Porque «isto» é lindo, realmente.

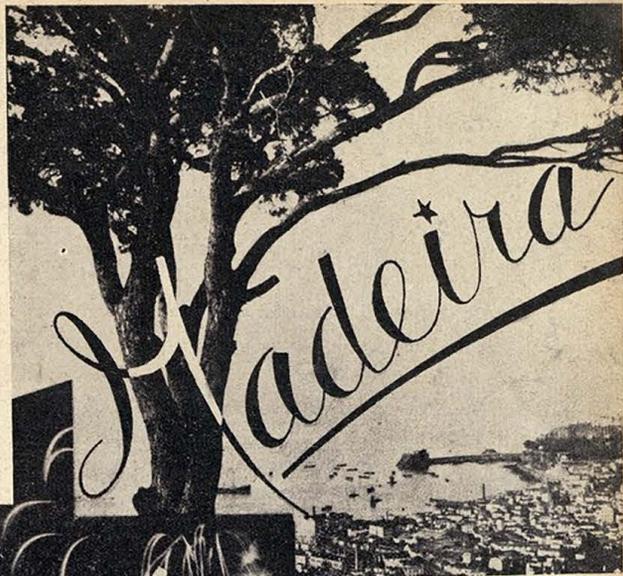
Operadores e artistas ficaram maravilhados com a Madeira, que classificaram de autêntico estúdio de exteriores.

«O casamento de Corbal»

A «troupe» inglesa que está filmando na Madeira os exteriores de *O Casamento de Corbal*, instalou-se na Quinta do Palheiro, que está transformada num verdadeiro estúdio... A produção é realizada por conta do «Capitol-Films», de Londres, com estúdios em Elstree, onde se filmaram os exteriores.

O director é Karl Grüne, o prestigioso realizador checo-eslovaco de tantos filmes alemães que temos visto. Acompanham-no Harry Daborn, como director de produção, operadores, técnicos e artistas.

Os principais intérpretes são artistas nossos



conhecidos: Nils Asther, que vimos com Greta Garbo em *Orquídeas Bravas* e *O direito de amar*; Noah Berry, o inesquecível intérprete de *Beau Geste*; Sinclair, o protagonista de *Escape me never*; A vedeta feminina é «miss» Hagel Terry, uma estreante em que todos depositam as mais fundadas esperanças.

A «troupe» deslocou-se com armas e bagagens, isto é, com todo o material preciso: camionetas, cavalos, etc.

E Karl Grüne, explicou:

«— A paisagem, o clima e as magnificas condições que reúne para o cinema, atraíram-nos. Em nenhuma parte da Europa podemos realizar exteriores nesta época. Os invernos, lá por fora, são rigorosos. As temperaturas, nalguns países, baixam excessivamente, o que é um das maiores impossibilidades para poder-se trabalhar. O tempo, aqui, é como sabe. Temos tido dias lindos, e de sol a sol não descausamos, aproveitando as horas, de manhã ao entardecer, na filmagem de alguns exteriores».

O casamento de Corbal, evoca-nos os tempos agitados e incertos da revolução francesa. É um filme de grande espectáculo, e as cenas desenroladas na Madeira figurarão 200 personagens, que hão-de ser recrutados entre os civis e militares, e para os quais os cineastas trouxeram fatos.

Em resumo: trata-se do primeiro grande filme que tem a Madeira como local de acção, embora no filme as paisagens apresentadas figurem, possivelmente, como sendo as de qualquer rincão da França!...

De braços cruzados...

Entretanto, nós, portugueses, continuamos de braços cruzados. E, possivelmente, quando a paisagem da Madeira estiver banalizada, pelas telas desse mundo fora, iremos então descobri-la, com a procúria tradicional de apresentar aos ouros grandes revelações...

F. F.

QUANDO SOAR A MEIA-NOITE

por Fernando Garcia

HOLLYWOOD terá, este ano, um aspecto novo e, até há poucos dias, imprevisível. Nos anos anteriores, pelas ruas e avenidas, o começo do novo Janeiro, era festejado ruidosamente, com batallas de serpentinas e de alegria, feitas à luz dos potentes projectores dos estúdios, e com grandiosos bailes, onde o «champagne» desempenhava um papel primordial, como rei da animação.

As férias, todos os anos concedidas pelos directores das firmas cinematográficas, permitem, enfim, aos artistas sob contrato, oito dias de folia grossa. E, acabado esse tempo de «salutar repouso», chegam ao estúdio muito mais arrazados do que quando tinham saído.

Isto não provoca graves questões, como o leitor pode imaginar, porque, se os actores chegam esfaldados ao fim da festa, não há ninguém, desde o operário-electricista ao realizador, do cenarista ao super-visor, que não haja gozado semelhante e edificantemente aquele «descanso».

Desta forma, os dias que imediatamente se seguem à passagem do ano são de clássica preguiça, e, a bem dizer, contam-se pelos dedos as mauveladas que dão os operadores...

Há tolerância de ponto, e o pessoal utiliza-se dela, até não poder ser. Embora sem questionar, os directores, a dormir em pé, as mais das vezes, tentam, à maneira do que se faz para as crianças, «puxar pelo brio» das «estrelas», apontando-lhes o pessoal infantil, os artistas miúdos, que continuam a trabalhar, porque não foram a festas. Está claro, o processo não surte efeito, mas traz, contudo, uma certa arrelia...

Por isso, este ano, segundo o que nos dizem alguns jornais de Hollywood, o caso vai mudar de figura...

Tudo, na capital do cinema, durante a noite de 31, será silêncio e quietude, como para dizer irónicamente aos directores, que os seus dirigidos «descansam»...

A festa, que não podia deixar de se fazer, é transferida para o monumental Casino de Santa Mónica, e tem, para que não haja mais comparações com os miúdos, uma novidade: a imaginária revolta infantil.

Destinada à véspera, e também a ante-véspera de 31 para a confecção dos fatos e vestidos, imitações dos mais extraordinários vultos, deste e do outro mundo, na tarde do último dia do ano,

saem da cidade, num cortejo mudo, quasi todos os automóveis, conduzindo os astros graúdos para um destino secreto, que toda a gente conhece: Santa Mónica.

Por ordem das mamãs, papás e tutores, os miúdos, a essa hora, dormem regalados, a sonhar com o assalto que estão encarregados de fazer, no momento das doze badaladas.

Entretanto, no Casino, por volta das nove, começa a festa, tal qual como nos anos anteriores, apenas com a diferença: só se bebem algumas caixas de «champagne». O grosso do fornecimento vai para bordo dos iates cine-líndicos, os quais, à excepção dos que se encontram no estaleiro, foram mobilizados e unidos, de maneira a formar um pontão, amarrado 10 metros ao largo, mesmo em frente do Casino.

Por volta das onze horas, Shirley, comandante dos exércitos infantis, correrá as casas dos miúdos conjurados, que a esperam, e, dentro de automóveis, transformados em carros de assalto, navios de guerra, etc, efectivarão a invasão contra Santa Mónica.

— Nós somos os dias do ano novo, explicará a Shirley, e vamos matar os dias do ano velho. Eles, com medo, deitam-se ao mar e nós ficamos no baile.

Ao dar das doze badaladas, chega o Novo Ano a Santa Mónica: o assalto começa e, entre gritaria, sirenes, rufar de tambores, barulho de escapes e duelos «sangrentos», os graúdos são afastados em direcção à praia, onde embarcam nos escaletes para bordo dos iates. Ficam, nas salas do Casino, os miúdos, com uma orquestra infantil e aos cuidados de pessoal especializado.

A bordo dos iates, sem ninguém que os incomode, os maiores terão, desta vez, o «champagne» à descreção. Nada menos de três orquestras «jazz» ficam a tocar e, algumas de pares, a... dançar.

No Casino e nos iates, a festa durará até de manhã, e, como no primeiro dia do ano, quasi todos, em virtude dos seus contratos, têm de assistir, de tarde e à noite, às grandes estreias do principio do ano, em vários pontos da América, no dia 2, reentrada para o serviço, os astros infantis estarão ainda «arrastados» pelo assalto que os seus colegas maiores lhes proporcionaram...

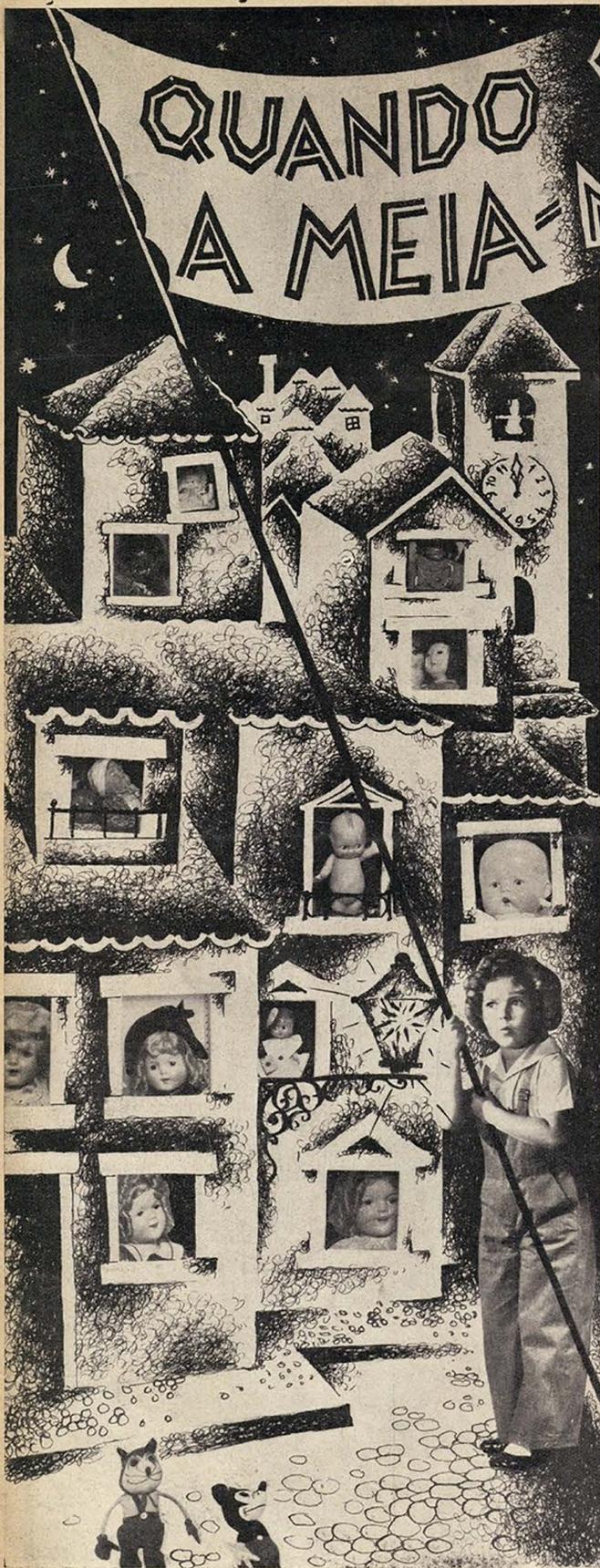
Quando soar a meia noite, Shirley levará ao assalto os novos dias do ano, ilndida e satisfeita pela festa, onde brincarà com os seus pequenos amigos...

Quando, porém, soar a hora de reabertura do trabalho, os astros escudicados, em vez de ouvirem dizer: «Olhem, olhem, como as crianças trabalham!» poderão gozar da tolerância e, de certo modo, ir lembrando aos directores:

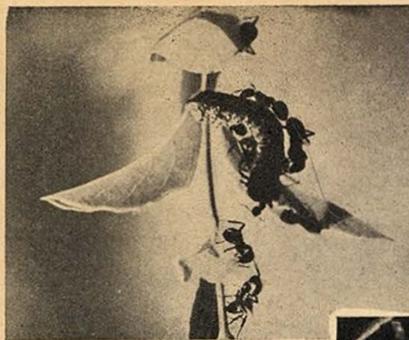
— Olhem, olhem, como dormem as crianças...

Coitada da Shirley!...

(Composição de Raúl F. da Fonseca)



um grande filme documental



O cinema alemão, que nos tem dado os melhores filmes culturais, acaba de realizar um novo documentário, verdadeiramente sensacional. Intitula-se A Cidade das Formigas e revela-nos os segredos das metrópoles subterrâneas daqueles insectos.

A cidade das formigas é um labirinto complicado de corredores e de quartos, chamemos-lhe assim. Os de cima são construídos com agulhas de pinheiro, folhas secas e bocados de cortiça. Em baixo, encontram-se os bairros, cavados no solo. É sobretudo aqui que melhor se revela o método com que estão distribuídas as alas e as celas.

* * *

Há três espécies de cidadãos. E cada um desempenha o seu papel.

As celas mais vastas contêm as obreiras — não aladas — que se não podem deslocar e que vivem unicamente para o seu trabalho.

As fêmeas servem exclusivamente para a reprodução. São as poedeiras. E, caso curioso, cada cidade conta um número restrito de fêmeas. Estão para o formigueiro, como a Rainha das Abelhas está para o colmeio.

Finalmente, as formigas aladas — terceira espécie — são os machos.

* * *

Eis uma fêmea que acabou de pôr alguns ovos. A postura é a sua única ocupação, a sua razão de ser. Na Primavera, as celas ficam cheias de ovos. As obreiras vigiam-nos. E, pela manhã, são elas que os transportam e que os expõem aos raios solares.

* * *

As larvas acabaram de sair do ovo. As obreiras tomam imediatamente conta delas. Alimentam-nas, limpam-nas, transportam-nas, para os lugares mais quentes. Quando chegam a certa idade, as larvas formam casulos. No comércio chamam-se aos casulos — imprópria mente — ovos de formiga.

E meio dia. Os casulos foram levados para fora do formigueiro, para se aquecerem ao sol. As obreiras controlam a sua evolução. No interior do casulo, a formiga desenvolveu-se. O insecto força o invólucro, mas a obreira está lá, de sentinela, para o ajudar. Nasceu uma formiga. O invólucro é levado para longe. A lei suprema da cidade das formigas é a ordem e a limpeza. Os recém-nascidos tornam-se, dia a dia, mais numerosos. Um belo dia, nasce uma formiga alada — é um macho, todas o olham surpresas.



Em todos os corredores e celas reina uma animação intensa. Dentro em breve, realizar-se-á o grande acontecimento do ano, na cidade das formigas: os esponsais. Com efeito, até ao noivado, as fêmeas também têm asas. As noivas deixaram as suas celas. Os machos elegem a sua favorita. E abandonam o formigueiro, para fundar uma nova colónia. A fêmea põe os ovos já na sua nova moradia, para fundar um novo estado.

* * *

Examinemos, agora, a tarefa quotidiana das obreiras. Logo que os primeiros raios de sol chegam ao formigueiro, a cidade das formigas desperta. Uma das suas primeiras ocupações é a limpeza do corpo e, antes de tudo, das antenas. É que as antenas constituem o mais sensível órgão de tacto das formigas.

* * *

Quando as formigas se encontram, falam entre si. Têm uma linguagem especial, por meio das antenas. No interior do formigueiro, durante o tempo em que estão de vela aos casulos, conversam acerca do que se passa lá fora e informam-se dos melhores lugares de reabastecimento.

* * *

Vão chegando as obreiras encarregadas da construção. Trazem o material. O seu esforço é enorme. Iniciam a obra. Amontoam-se as agulhas de pinheiro. É preciso pensar também em ter a despensa cheia. Matam as pequenas lagartas, moscas e vários insectos.

As formigas são muito lambareiras, e atacam por isso, os pulgões. E que estes insectos, para as formigas, são como as vacas para a espécie humana. Chupam-nos literalmente. E é por isso que há formigas que chegam ao ponto de criar pulgões, no interior do formigueiro. E as obreiras cuidam dos ovos dos pulgões com tanta solicitude como se de ovos de formiga se tratasse.

* * *

As formigas atacam, por vezes, os caracóis. Mas o molusco defende-se. A espuma que o cerca é ácida e faz fugir os inimigos.

Aproxima-se a tempestade. As formigas são boas meteorologistas. Todas fogem. Recolheu os casulos. A sentinela dá o alarme. Todas regressaram a tempo, trancam-se as portas. E quando a tempestade cai, com fúria, toda a Cidade das Formigas se encontra em segurança, graças ao maravilhoso trabalho colectivo das formigas.

a cidade das formigas



O GALÃ IDEAL

intervêm. é a voz. Se fôr dura e áspera, toda a ilusão. todo o «clima» que criou com a sua presença. evolará, como uma nuvem batida pelo vento. Se fôr lamentosa ou nasalada. todo o encanto se extinguirá. É preciso que ela esteja, dentro dos limites da Harmonia.

* * *

De tudo que mais importa, para o artista de cinema ou da tela, é a simpatia. O público está sempre pronto a perdoar todas as grotescices ou vilanias ao homem com quem sim-

patia, o fogo sagrado do entusiasmo, não há nada como ser natural. O próprio talento não traz a simpatia — nem a cria. Pode-se ter um talento indiscutível — e não se ser simpático. A reciproca é verdadeira. até certo ponto.

* * *

Só a actuação, na tela, pode criar a simpatia. E mesmo assim, dentro de certos limites. Há muitos vilões do cinema que foram sempre simpáticos, ao passo que muitos dos

Repudiar os gestos enfáticos ou uma dicção pretenciosa, numa palavra, ser simples, natural e humano, eis os factores capazes de criar a simpatia.

Mas para isso, é preciso que outro factor, dos mais importantes, contribua para tal efeito: argumentar. É imprescindível que o actor compreenda a figura que tem que encarnar, e que viva a acção.

* * *

Todos nós admiramos os artistas de composição: um Emil Jannings, mas não os achamos simpáticos. O que, confundido com a personagem, parece constituir uma única pessoa, tem mais probabilidades de conquistar o público. Assim, seria preciso, em lugar de procurar o actor para determinado papel, escrevê-lo propositadamente para o actor indicado. Este só representa com naturalidade, quando a sua personagem se identifica em absoluto. É preciso sentir intensamente um papel para poder fazer uma criação, digna desse nome. É conveniente, pois, utilizar todas as possibilidades do actor, e dar-lhe os meios para que ele se dedique, de alma e coração, à figura que vai criar na tela.

* * *

Estou convencido de que em lugar de se dizer: «Quem é que irá interpretar o argumento X?», se dissesse: «É preciso escrever um argumento para o actor Y», a última fórmula daria melhores resultados.

* * *

Sou de opinião de que os argumentistas deveriam adoptar esta norma, e convencionem que se obteriam, assim, filmes de qualidade e factura mais apuradas do que a dos que temos visto por aí.

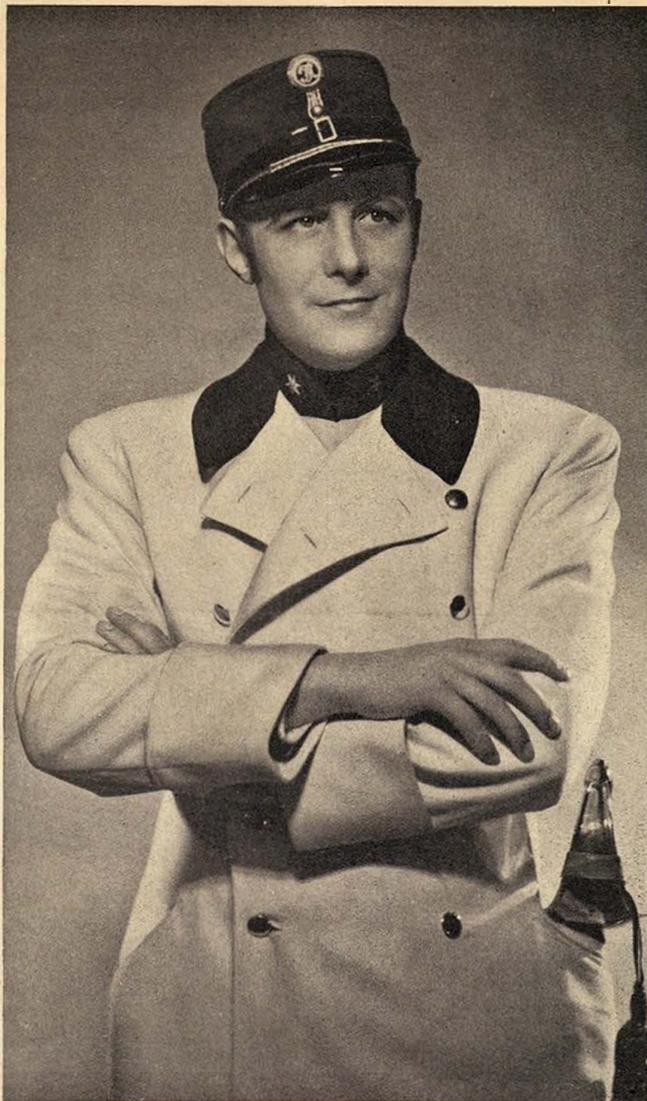
* * *

O actor de cinema luta com mil e uma dificuldades para vencer e triunfar. A beleza física, só particularmente o pode ajudar. O talento também não basta. Precisa de conhecer, nos seus pormenores, a arte cinematográfica, para representar com simplicidade, com naturalidade — e conquistar a simpatia do público. Conclui-se daqui que a beleza masculina não fabrica o êxito, que não o provoca, e que não é, até, um dos factores primordiais.

* * *

Quanto à função da beleza feminina — o caso é outro, e deixo às minhas lindas camaradas o cuidado de a definir.

HENRY GARAT.



TODA a gente julga que os galãs — que deslumbram, na tela, as espectadoras, e as quais se enviam cartas inflamadas, a suplicar uma foto autografada — são bonitos. E toda a gente julga, também, que a «vedeta» que os impressionou, e que fez acelerar o ritmo do coração, condensa em si o ideal da Beleza. Concebem-nos, em regra, como uma espécie de semi-deuses, ante os quais a humanidade se deve rojar a seus pés, entoando cânticos de louvor às suas feições impecáveis, aos seus olhos sonhadores, ou à sua boca expressiva.

* * *

Os que assim pensam, não dão licença a ninguém de discordar das suas opiniões. E deitam lume pelos olhos quando ouvem alguém, por paixão ou divertimento, ridicularizar o seu ídolo. Crlam-se, assim, por vezes, animosidades terríveis, e acontece, com frequência, duas amigas de infância zangarem-se, por querer reivindicar para o seu ídolo todas as qualidades físicas e morais, terrenas e extra-terrenas...

* * *

É, no entanto, a beleza masculina quasi não existe. A verdade é que nunca se impõe, não é um valor com que se possa contar, sobretudo na tela. Esta minha opinião fará rir, possivelmente, muitos castelos de cartas, mas a verdade é que só à «maquillage» devem os actores o seu êxito na tela.

A mão dum técnico fará desaparecer um defeito e corrigirá uma feição. A objectiva evitará registar uma careta esquisita ou um perfil anguloso. E a luz, distribuida sábiamente a jorros, dar-nos-á aquela face de rapazinho imberbe, tradicional nos galãs da tela.

* * *

Assim, é preciso muito trabalho para apresentar a cara dum homem, em primeiro plano — de forma a parecer bonito... E não custa a crer, por isso, que o público se engane, quando vê os seus ídolos.

* * *

Um homem não é belo, por si próprio. Expliquemos! É o concurso, ou melhor, o conjunto de factores diversos que conseguem criar uma ideia de beleza. Mesmo que existisse um homem Belo, na verdadeira acepção da palavra, a perfeição física não bastaria para o guindar à categoria de «vedeta» da tela, nem tão pouco para o tornar popular entre o público.

* * *

Um dos factores mais importantes que

patisa. E é, justamente, esta simpatia, uma das coisas mais difíceis de conquistar.

É que está à mercê da menor falta de gosto. Para a alcançar, é preciso uma paciência e uma persistência sem limites. Torna-se necessário estudar e profundar a própria psicologia do público. Ninguém consegue ser irresistível, dum dia para o outro. É preciso lutar e não dormir sobre os louros colhidos. A simpatia do público custa a conquistar, mas perde-se dum momento para o outro.

* * *

Para a conservar, para alimentar no pú-

galãs não conseguiram triunfar. O que importa é o actor e a sua maneira de ser.

* * *

Suponho que nada há melhor para conquistar o público, do que representar com simplicidade e naturalidade. Saber pôr de lado, certas ideias preconcebidas; abandonar certas «ficellas», por serem falsas; desejar os efeitos, sem cair nos excessos — eis o que, na minha opinião, será melhor do que outras receitas preconizadas. E isto porque cada actor é um caso particular.

por
HENRY
GARAT

— pensava — poderêi realizar nela, o meu sonho de outros tempos.

Dolce far niente...

Rochelle chegou à conclusão de que tôdas essas lições eram uma tremenda maçada. Mas hoje agradece a sua mãe a sua persistência, sem a qual não teria triunfado.

Rochelle era indolente, por natureza. Gostava de passar o dia deitada num amplo cadeirão, a ler algum romance dos seus autores predilectos. A mãe teve, que corrigir tôdos êsses defeitos e conseguiu fazer dela uma rapariguinha briosa e aplicada.

Entretanto, freqüentava a escola, para educar o espirito. Rochelle deveria ser uma rapariguinha prendada!

Vamos para' Hollywood!

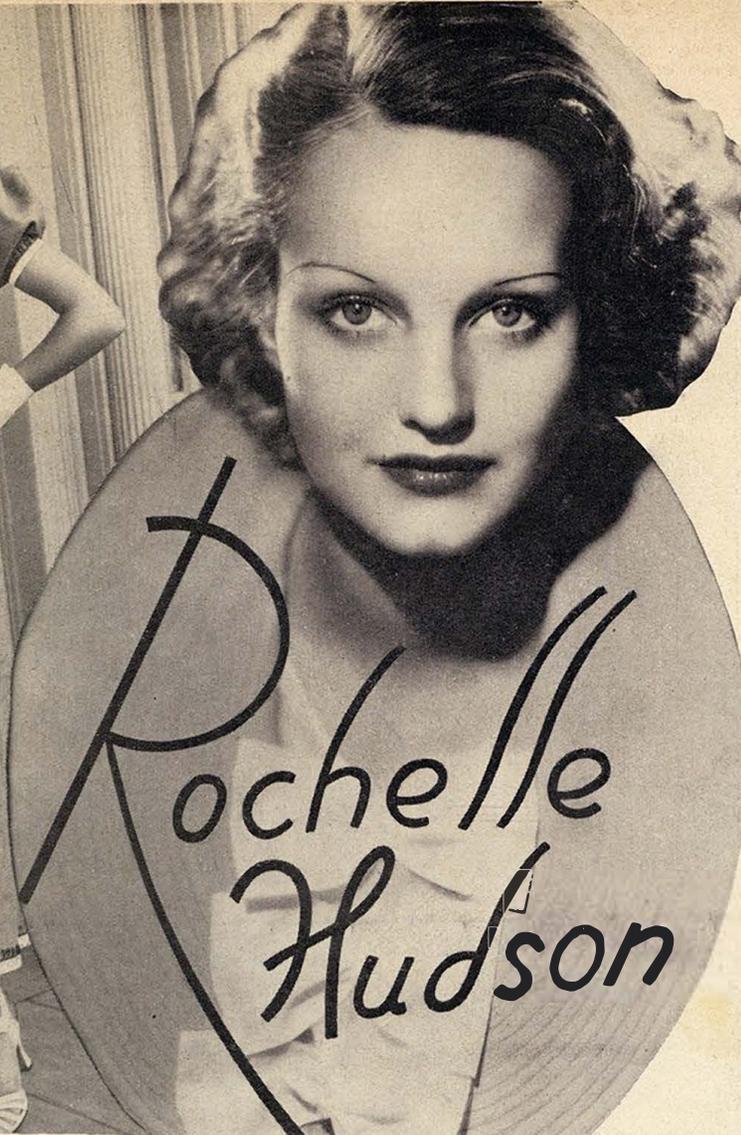
Aos onze anos, um acontecimento mudou a face das coisas. O pai adoeceu, gravemente e o médico aconselhou mudança de ares. Tôda a família partiu para a Califórnia. Foi no lindo e pitoresco Vale de S. Fernando que os Hudson se instalaram. Do alto das colinas, que rodeavam a casa, via-se à noite, brilhar as luzes de Hollywood. E, durante dois anos, Rochelle seguiu o curso de arte de representar de Van Nuys.

Pensava então no teatro. Em tempos, representara. Parecia ter habilidade. E tanto assim que uma «troupe» ambulante, a quis contratar quando ela contava apenas quatro anos de idade. Mas o estatuto de Oklahoma proibia, formalmente, o contrato de actores infantis e Rochelle contentou-se com praticar nas companhias de amadores, tão numerosas em tôda a América do Norte.

O primeiro passo

Em plena Califórnia, a dois passos de Hollywood, Rochelle começou a fazer os seus planos. Queria ser bailarina. Quis tomar lições numa academia coreográfica e, como é natural, foi ter a Hollywood!

A sua estreia na tela fêz-se sob o signo

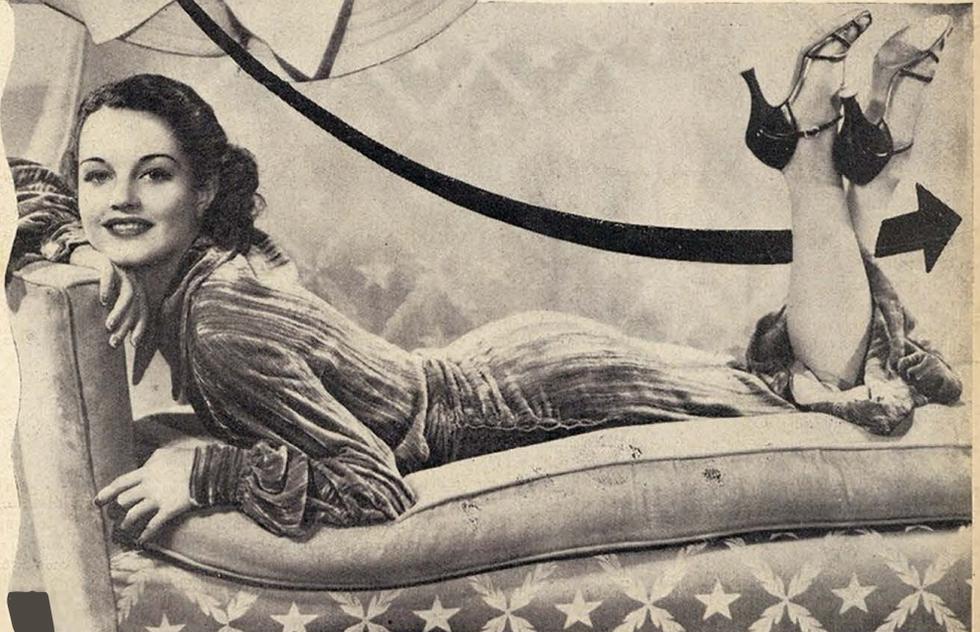


ALGUMAS linhas, sob o retrato desta desta deliciosa ingénua, condensavam, há pouco tempo, tôda a sua carreira; mas, dia a dia, a linda estrelinha vai-se afirmando — e por isso vale a pena conhecê-la um pouco melhor.

Uma coincidência feliz

Rochelle Hudson tem na sua vida uma coincidência que impressionou os americanos: Nasceu na mesma cidade, onde Will Rogers, que foi um dos maiores ídolos dos U. S. A., viu, pela primeira vez, a luz do dia. Assim, Rochelle é natural de Claremore, no Oklahoma, e veio ao mundo na manhã chuvosa de 6 de Março de 1914. Seu pai, que estava à testa do Commissariado de Desemprêgo lá da terra, é hoje proprietário dum magnífico «rancho», pois não sei se sabem que os «ranchos» não existem só nas fitas de «cow-boys».

A mãe de Rochelle, como tôdas as mãis americanas mais ou menos românticas, sonhara, outrora, com o teatro! E, à medida que a filha foi crescendo, inoculou-lhe o vírus e ensinou-lhe música, dança, cultura e física e declamação. «Se tiver habilidade



do imprevisto. Com efeito Rochelle, a certa altura, resolveu-se a aprender canto. Uma amiga de sua mãe indicou-lhe uma professora de vedetas, nos estúdios da Fox.

Rochelle impressionou-a. Era um tipo novo. Uma morena deliciosa, admiravelmente proporcionada e com os olhos azues, que maravilhavam. Pediu-lhe que fosse à Fox tentar a sorte num «test». E o resultado não deixou dúvidas: um contrato com a Fox.

Entretanto, surgiram dificuldades. Frank Borzage experimentou-a para um filme. Rochelle não agradou.

Vá lá saber-se porquê?! O certo é que o contrato foi rescindido. Mas a prova de experiência foi enviada à Rádio e Rádio contratou a linda estrelinha.

Rochelle não terminara, porém, os seus estudos. A lei americana é severa, nesse ponto. E assim, logo que entrou na Rádio, «a morena de olhos azues» — como lhe chamavam — passou a frequentar os cursos superiores. Popularizou-se depressa. O depar-

Temple apareceu em *Curly Top*. Com Frederick March e Charles Laughton fez os *Miseráveis* (versão americana), encarnando a terna figurinha de Cosette.

E agora vai interpretar *Ramona*, na versão sonora, que a Fox vai realizar pelo processo do técnico-color.

Quasi célebre!...

Como vêm a carreira de Rochelle tem história. A morena de olhos azues conquistou Hollywood. Canta, dança afala diversas línguas, adora a T. S. F. e a rumba.

Passa os dias de verão, ao sol, para arranjar um tom bronzeado de pele com que sonha há muito. Hoje vive em Hollywood, numa casa que tem as características das famosas «haciendas» mexicanas.

Esperamos que o futuro confirme os vaticínios daqueles que vêm em Rochelle uma das maiores esperanças do cinema americano.

ALLEN B. JOYCE



Uma ranariga que promete



tamento de publicidade foi incansável. Todos os dias lançava, para os jornais e revistas de todo o mundo, fotos da linda vedeta. O público, entretanto, ia fixando o seu nome, e, de vez em quando, lobrigava-a nos primeiros planos de multidões e... pouco mais. Um dia porém deram-lhe, finalmente, um pequenino papel em *Laugh and get rich*.

A terceira «Ramona»

Desde então, tudo começou a correr bem. Rochelle passou a actuar sem descanso. Foi a ingénua de mil e um filmes de «cow-boys» e a última em numerosos filmes de terror. Ao lado de Mãe West, apareceu em *She done him Wrong*. No Poderoso Barnum, foi a pupila de Wallace Berry, que se apaixonou por Adolfo Menjou. Ao lado de Shirley

Crónica da Semana

HA dias atrás, o Chiado Terrasse exhibia no mesmo programa dois filmes de W. S. Van Dyke: «O homem sombrio» e «Os noivos de Mary».

A ideia de se organizar espectáculos com obras da mesma autoria é assás interessante, porque permite, quando não elaudar, pelo menos apreciar, com mais consciência, o «estilo» do realizador.

Fêz bem, pois, o Terrasse em apresentar um «festival» Van Dyke. Só foi pena que não tivesse sublinhado o facto, talvez, como convinha.

A nós bastou, porém, o reclamo modesto que o jornal trazia e logo acoemos convencidos de que havíamos de passar uma noite muito agradável, convicção esta plenamente justificada pelo valor das produções daquele autor, já nos conhecidas.

A carreira de Van Dyke é, com efeito, das mais brilhantes que tem havido e que há em cinema.

A sua personalidade formou-se não em demonstrações estridentes de uma originalidade rebuscada, mas na segurança de técnica aliada à simplicidade dos processos usados, na diversidade dos temas escolhidos e no sentido bem achado do humor «yankee», predicado este que, só por si, bastaria para o consagrar.

* * *

Vive na memória de todos os entusiastas de coisas do cinema aquela célebre tarde no Royal, em que o «sonoro» balbucio das primeiras frases e nos embalou com os primeiros acordes.

O acontecimento — porque foi um verdadeiro acontecimento — levantou enorme celeuma, passou a ser o assunto de lódas as conversas; houve polémicas ruidosas, como era próprio, e formaram-se dois partidos, como era inevitável...

As opiniões só eram unânimes nesta afirmação: «Sombrias brancas» era um filme invulgar. Mais: um verdadeiro poema.

Foi sob este aspecto que Van Dyke se nos apresentou primeiramente — poeta que descreve as almas e as paixões com igual sentido da beleza, o mesmo grau de delicada sensibilidade.

E, depois, que poder persuasivo o seu!

«Sombrias brancas» é um apêlo ao regresso à Natureza. Servindo o mesmo tema, a argumentação de Rousseau naufragou impelida pelo vento dos filósofos da contra-revolução, ao passo que o processo aliciante de que Van Dyke se serve nos perturba e — ainda! — quasi nos convence.

Embalados por uma melodia, que jámais deixará o ouvido, assistimos ao desenrolar dum libelo contra uma civilização (qual?) e contra uns homens brancos que não podem ler a preensão de representar o «homem branco».

O procedimento duma quadrilha de traficantes, que invade uma ilha para se aproveitar da ingenuidade do indígena pode, de alguma forma, levar-nos a qualquer conclusão sobre a civilização (americana?!) ou a lidar ilações sobre a felicidade bem compreendida, entre os homens?

Pois Van Dyke faz-nos esquecer isto tudo, provoca em nós aquela saúde que Alfredo Pimenta diz ser a mais

amarga de lódas: a do que nunca se sentiu: a saúde de não ler saúdaes...

As paragens edénicas dos mares do sul ficarão sempre no nosso espirito como um vago anseio, uma promessa que não se cumprirá, uma ilusão desludida.

E ludo por culpa de Van Dyke...

* * *

Agora vejo que me demorei demasiadamente a falar-vos das «Sombrias brancas», que iludi o meu próprio propósito de me referir às duas comédias que passaram no Terrasse.

Se abordei em Van Dyke primeiramente o poeta, para falar depois do ironista, do comediógrafo, foi só porque a ordem cronológica assim o quis.

E se me alonguei em considerações acerca do seu primeiro filme, explica-se isso facilmente pelo facto de desde

E' justo destacar, na maré-chela de egoísmos que caracteriza a vida contemporânea, o esforço que alguns empresários dos nossos cinemas têm feito, inglório e extraordinário esforço, para conseguir organizar, criar, definir, uma casa de espectáculos que possa ser considerada, com propriedade, cinema de «élite».

Lamentável se torna que esses sacrificios, por vezes estoicos, não sejam devidamente secundados pelo público, não sejam, sequer, compreendidos e reconhecidos, pelo menos como recompensa moral, demais que, quasi sempre, redundam em beneficio, em conforto do espectador, conforto e beneficio que, embora só espiritual, revela um carinho que inspira reconhecimento, gratidão.

Não é porque o Pôrto não possua público suficientemente numeroso e até suficientemente culto para manter um cinema de «élite», mas, é que, além de

Carta do Porto

to. Se o filme é bom, ou melhor, se o público entende, à sua maneira, que o filme é bom, o público acorre, em massa, sem recio nem relutância, de qualquer possível promiscuidade; se entende que não lhe agrada, não tem em conta os atractivos e até o conforto que certos salões lhe oferecem.

há apenas, definida, uma certa corrente para as chamadas sessões da moda, que defendi e defendo, sem qualquer interesse particular, mas como reconhecimento dum princípio respeitável.

Porém, para quem tem acompanhado as evoluções dos espectáculos cinematográficos, nesta cidade, nos últimos vinte anos, não é estranhável que dentro de alguns anos o Pôrto venha a possuir os seus cinemas de «élite», como lhe dá direito o esforço e a louvável directriz de certos dirigentes, sobretudo dos que se encontram à frente do São João e do Trindade.

O sucesso do tricolorido

A côr é o eterno brinquedo dos olhos dos portugueses, pelo que a nova técnica do tricolor com que foi produzido «La Cucaracha», esta semana aqui apresentada, causou inusitado êxito, entusiasmo imenso todo o nosso público.

Depois daqueles vinte minutos de exibição, todos lamentavam que o filme fôsse assim pequenino, pelo encantamento que constitui.

Embora como tentativa, esta película faz-nos, sem dúvida, prever uma modificação profunda na actual directriz da produção. Calcula-se o que será a opereta cinematográfica do futuro, depois do cinema ter devassado o arco-iris, para construir mais vibrantes poemas de luz e côr.

A côr... Como ela nos é apresentada nesta nova modalidade técnica, como ela é filtrada através das prodigiosas lentes da «camara», constitui mais uma retumbante vitória da arte, é mais um valioso elemento do cinema que, por agora, entusiasmou os cinéfilos portugueses que ansciam por ver «A feira da verdade», que deve ser a confirmação plena das grandes possibilidades, das aliciantes possibilidades do tricolorido.

Os êxitos da semana

Estamos numa semana em que abundam as boas produções. Além da novidade do tricolor, temos A «Viuva Alegre», que foi recebida com agrado, a despeito da opinião dos velhos caturras que, tendo decorado tódas as interpretações no teatro, ainda não se identificaram com o ritmo da arte cinematográfica.

«A Viuva Alegre» marcou, sem dúvida, um êxito digno de registo.

Mas o grande filme da semana é, incontestavelmente, «O Denunciante», verdadeira obra-prima que tem interessado e entusiasmado todo o público, pela sua superior concepção cinematográfica e pelo humanismo surpreendente do argumento.

«O Denunciante» é um filme padrão, um monumento que convence os mais cépticos, que esmaga os mais fortes. Admirável filme, autêntica obra de arte.

CARLOS MOREIRA



Ginger Rogers, de linhas coleantes e perturbadoras, é hoje uma das favoritas dos cinéfilos portugueses

«Sombrias brancas» até «Sob os telhados de Paris», de R. Clair, se estender uma noite muito comprida e muito escura.

A sua próxima comédia servirá de pretexto para me referir a outra faceta, não menos curiosa, da sua inteligência.

Faço os melhores votos que seja breve, não por minha causa, já se vê, mas para que o leitor tenha ocasião de mais uma vez admirar Van Dyke.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

certas prerrogativas, falsos convencionalismos, a que muitos ainda se apegam, o público é soberana e irreverentemente egoísta.

Quasi não interessa que uma casa de espectáculos ofereça aos seus frequentadores instalações luxuosas e confortáveis, não há reconhecimento da deferência que certos empresários tributam ao seu público, não há, sequer, uma manifesta tendência para aqueles que procuram fazer influir o seu bom gosto no espectador. Nada disso, por enquan-

Constance Bennett



Vista por dois jornalistas...

As «estrelas» passam... mas, enquanto o esquecimento não chega, são as pessoas mais populares do mundo. Não há o perigo de, no próximo século, os historiadores partirem a cabeça e esfalfarem a pituitária a decifrar e descobrir documentos que as citem e que as descrevam. No entanto, nos nossos dias, a curiosidade cerca-as; saber quando nasceram, é interessante; o que comem ao almôço, é interessantíssimo; o que pensam e o que sentem, considera-se capital.

Enquanto a tarefa do jornalista, que tudo isto quer contar ao público, se resume a procurar certidões de nascimentos, espisar «restaurantes», ver marcas de automóveis, não vai mal a coisa.

Quando se torna necessária a entrevista, já ao sorriso diplomático e à clássica oferta de um exemplar do jornal, corresponde, geralmente, um gesto brusco, uma cara aborrecida, ou uma atitude de gentileza formal, onde se adivinha o incômodo da visitada.

Porém, o caso complica-se um pouco mais e, quando se chega à altura de conhecer a sensibilidade, os recantos mais íntimos da alma, o jornalista sofre, sua, vê tôdas as «estrelas» e não consegue, exactamente aquela que desejava.

Pois, há dias, surgiu-me, dentre as pastas do arquivo, o nome de Constance Bennett, a «Connie», como Hollywood lhe chama, e não resisti à tentação...

Deitei mãos à obra. Seu pai, um tal

sr. Richard Bennett, verdadeiro homem de sete ofícios, começou por alfaiate, passou por actor de feira, «boxeur», «barman» e acabou no teatro, onde se encarregava de pequenos papéis. Homem experimentado, como não podia deixar de ser, mal Constance deixa a meninice, prepara-a para que ela, mais tarde triunfe na vida.

Dizem — e pode muito bem ser calúnia — que ela aprendeu, então, tôdas as manhas de mulher, senhora do papel, feroz e gracioso, de amante dos homens. Dizem também, que o seu conhecimento das realidades da existência, a tinha decidido a triunfar na vida por todo o preço.

A verdade, porém, é que, talvez por causa dos ares românticos dos vinte anos, casou em Virginia, com um jovem chamado Chester Moorehead e — parece incrível — por amor.

O sr. Richard, todavia, não a deixava pôr o pé em ramo verde e, casamento anulado, viagem para Hollywood, campenhos, etc..., entra para a Metro. Filma «Sally, Irene e Maria» com Joan Crawford e Sally O'Neill, sob a direcção de Goulding. Nessa altura — em 1926 — era das de mais vulto entre as novas...

Nada de dificuldades até aqui: tudo fácil, tudo claro e metódicamente apontado. Mas, para além, conhecer-se é boa ou má, aquela filha dum homem com tanto emprêgo, conhecer a alma da «estrela» que mais prodigiosa e rapidamente — tôdas as semanas — muda a

côr do cabelo, vêr o que encerra aquele corpo de fragilidade elástica e felina, é trabalho onde não se obtém resultado concreto, onde tudo é duvidoso e desmentível.

Dois jornalistas, residentes na capital do cinema, seduzidos por aquela cabeça que tem tantas côres e pela facilidade com que ela muda de marido, vieram para a liça, um a defender, outro a atacar a actual esposa de Henri de la Falaise. Sim! Porque Connie — não sei se o leitor sabe — depois da sua paixão Chester, «enamorado-se» do multimilionário Phil Plant, encheu-se de milhões, divorciou-se, tornou a «enamorar-se, pelo marquês de la Falaise, tornou a casar-se, e não se sabe o que lá vem.

Mas ia eu dizendo, que os dois jornalistas travaram um combate de psicologia aplicada e quando se chegou ao fim, estudada a vida de Constance em todos os aspectos, ficou tudo na mesma.

Dizia um: «Constance Bennett está longe de ser estimada em todo o mundo: é «snob», afectada. E um pouco à frente: «tem na verdade, mais de elegância do que real beleza, essa mulher fria e indiferente».

Acudia o outro: «devemos concordar que ela é hoje, uma rainha incontestada, que as firmas querem mesmo a peso de ouro». E depois: «é necessário não conhecer os seus olhos azuis, dum olhar fino e delicado como um Saxe: é necessário não ter ouvido a sua voz de timbre melodioso, e não ser recebido na sua casa simples e finamente elegan-

te, para se dizer que Comie é um monstro de fria indiferença.

«Mais hábil que sentimental não pode ter a grandeza trágica que transporta o espectador» volvia o primeiro.

«Constance é essencialmente humana, tôda feita de impulsos ternos e bondosos», teimava o segundo.

«O velho Richard Bennett pode ter confiança na sua filha, pois aprendeu a ser boneca luxuosa de milionários para ganhar mullos milhões. As irmãs de Connie, Bárbara e Joan, seguem as tradições da casa, na sua vida calculista e, esta última tem já uma filha, que, certamente, continuará as tradições da família» insinuava um.

«A cultura e a distinção que encontro nesta alma aristocrática, descendente duma velha família escocesa...» defendia o outro.

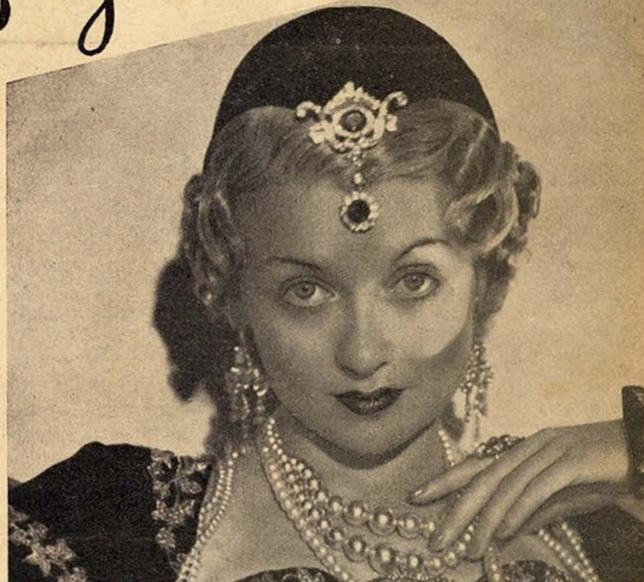
A que conclusão chegar no fim de tanta divergência?

Qual dêles falou verdade? Nenhum? É como lhe disse, caro leitor — a interrogação mantém-se, persiste a dificuldade, quando se chega ao ponto de vêr o fundo das vidas.

Certidão de idade, o nome do jardineiro, a marca do automóvel, o que come no restaurante do estúdio — isso vai bem.

O que sentem? Impossível. E impossível, sobretudo, porque se trata de almas moldáveis, fundidas nos sentimentos da vida que eternamente representam, esquecendo-se do que são, para serem o que querem ser.

FERNANDO GARCIA



...ou as atribuições dum biógrafo...

As aventuras dum actor de cinema na Hungria

por PAUL KEMP

DIZEM que a Hungria é a terra da malaguetta, cuja ardência se teria inoculado no sangue dos húngaros, e especialmente das húngaras. Paul Kemp, o popular artista ucraniano, conhecido de tantos papéis cómicos que o celebrizaram no cinema, esteve ultimamente na Hungria, e descreveu desta forma a sua viagem:

«Para contar as impressões desta maravilhosa viagem, começarei pelo que me aconteceu durante o trajecto. Eu fazia parte de uma caravana composta de 40 e tantas pessoas que viajavam com um bilhete colectivo. Este bilhete encontrava-se, é claro, em poder de uma única pessoa. Imaginem agora o nosso sobresalto ao rotarmos, à saída de Praga, que o portador do bilhete não se achava no nosso vagão. O homem teria ficado em Praga? De vez em quando, um colega ia à porta do compartimento, a ver se o condutor aparecia. Teríamos feito bonita figura! Por acaso, o digno empregado não nos incomodou durante toda a viagem, e só quando entrámos na estação de Budapeste é que viemos a saber que o colega portador do bilhete tinha vindo conosco, mas noutro vagão, onde se instalara, muito descansado, enquanto a caravana passava momentos angustiosos.

Na manhã do dia seguinte, meteram-nos num auto-omnibus especial que disparou conosco através da cidade, com uma velocidade que ainda hoje me faz arrepiar. Momentos depois, o colosso de seis rodas deslizava pelas ruas asfaltadas dos subúrbios. Descreverei, em poucas palavras, a paisagem da «puszta» húngara que principia às portas da capital, e que os leitores, naturalmente, já conhecem de tantos filmes sobre a Hungria: estradas em linha recta, extensísimos campos de pastagem, quasi sem uma única elevação de terreno, pastores a cavalo, acompanhados de grandes cachorros, muito gado a pastar, belos campos de milho, e, enfim, toda essa melancólica planície onde se inspiraram os compositores das mais belas canções e czardas da Hungria. Ao cair da noite, chegámos a uma pequena cidade cujo nome só os húngaros sabem pronunciar, e que se escreve Mezohegyes. Em Mezohegyes estava

tudo a postos para as filmagens de exteriores destinados ao filme *Heißes Blut* (Sangue ardente). Nesta interessante e hospitaleira cidade, há um esplêndido Casino, onde fomos cordialmente recebidos pelos oficiais da guarnição. Foi aí que ouvimos uma dessas autênticas

opinións unânimes de «um» especialista, sou o melhor e o mais exímio dançarino de czardas que existe em toda... Berlim. No cinema da cidade, passava-se, precisamente, a *Princesa das Czardas*, em cuja versão alemã a minha modesta pessoa fazia o papel de Bony,

não é raro o operador enganar-se e começar o filme com a terceira parte, por exemplo. Mas este público bondoso entusiasma-se com tão pouco que, se principiarem o filme pela última parte, é capaz de não se incomodar.

A espera que o sol se dignasse brilhar no firmamento, foram-se passando os dias, até que uma manhã, com algum sol a espiar entre as nuvens, começámos a filmar as primeiras cenas de corridas a cavalo, em companhia de grande número de lindas moças húngaras, vestidas com os seus pitorescos trajes regionais. Nas tribunas, estavam os oficiais com as suas damas, a contemplar esta corrida imprevisita, que veio animar durante alguns dias a população de toda a cidade, e até dos arredores. Georg Jacoby, o nosso director de cena, conseguiu focar, sem que os improvisados figurantes o notassem, alguns aspectos típicos e interessantes da vida diária dos húngaros. Noutra cena, tratava-se de passar um automóvel por um lamaçal. Só lhes sei dizer que isto se fez com tanta realidade que os camponeses, amáveis como sempre, tiveram que puxar o automóvel com uma parrelha de bois.

Das três horas em diante, isto é, quando o sol desaparecia, sobrava-nos tempo para estudar, de perto, o romantismo que envolve este lindo país. Aliás, tenho a impressão de que os húngaros não são tão impulsivos e alegres como de ordinário se imagina. Para descrever a psicologia húngara basta citar este sugestivo provérbio: «Os húngaros alegrem-se a chorar». As canções que os tziganos cantam, há séculos, são impregnadas de melancolia. À noite, esta gente da «puszta», senta-se à lareira, fixa os olhos no lume, e quasi não fala: a sua ceia é toucinho frito e «cucuruz». Mas que hospitalidade afável! Se alguém abandonar, antes de terminar uma semana, a casa de quem o convidou, o dono da casa considera-se ofendido. E se alguém comer e beber pouco, a ofensa chega mesmo a ser grave. Como eu, em questão de comidas e bebidas, não sou de cerimónias, calculem a despedida afectuosa que tive, no dia em que regressámos a Budapeste, prontos para novas façanhas... cinematográficas!...

PAUL KEMP.



Paul Kemp, cheio de sorte... Mulheres e vinho a rodos, na terra aliciante das czardas

ticas orquestras de tziganos que, com as suas czardas vibrantes, quasi obrigam os pés a executar passos de dança. Com estes meus olhos vi pessoas bailar com uma veemência verdadeiramente juvenil. Fiquei tão entusiasmado que, ali mesmo, resolvi aprender a dançar as czardas, e tanto assim, que, hoje,

Escusado será dizer que fui aclamado como um príncipe. O mais engraçado é que o filme estava quasi irreconhecível, porque nesta cidade longínqua, os filmes só aparecem com três ou quatro anos de atraso, e tão cortado que às vezes é difícil compreender-se as transições de cena para cena. Por sinal que

O enredo do filme *Liebestied* (Canção de amor) com o tenor Alessandro Ziliani, no papel do protagonista, contém algumas cenas palpitantes e sensacionais. Uma das mais espectaculosas é a da apoteóse, na sala da Ópera de Paris.

Estas cenas líricas, não prejudicam, de forma alguma, o ritmo cinematográfico da película; pelo contrário, constituem um documentário interessante e artístico, porquanto a própria Ópera de Paris representa um dos capítulos mais brilhantes da história da Música e a recordação mais enternecedora da vida social da capital da França, com todo esse ambiente artístico que inspirou alguns dos maiores mestres da pintura, como Renoir, Manet, Corbel e Begas, e cujas obras-primas figuram em lugar de honra, entre as preciosidades do Museu do Louvre. A Ópera de Paris era, em fins do século passado, o ponto de brilhantes reuniões festivas da sociedade parisiense; a transposição, para o filme, dessas policromas noites de gala, na grande Ópera, deve constituir, portan-

Carta de Berlim

to, um espectáculo cinematográfico dos mais luxuosos e artísticos.

Ao espirito conservador dos franceses deve-se a feliz circunstância dos tempos modernos, apesar de algumas renovações arquitectónicas, não terem deturpado o esplêndido interior da Ópera de Paris, que ainda conserva a grande profusão de ornatos dourados e púrpuros e imitações da arte clássica; o homem moderno estranhará esse estilo a que não está habituado, mas respeitará, no fundo, a piedosa tradição que envolve a sala da Ópera. No novo filme da Ufa, a audaz fantasia dos realizadores soube aliar o passado ao presente, utilizando-se de lúdas essas maravilhas técnicas, que os laboratórios cinematográficos preparam com verdadeiras artes de felício.

Aliás, as cenas não se desenrolam no palco da Ópera, à luz da ribalta, mas na plateia e de uma forma verdadeira-

mente fantástica. É uma ideia cénica que permite aos espectadores, como diz o artista Anton Poinner, «maître d'honneur» no filme, «ouvir o programa, de todos os lados da sala».

Um firmamento dançante de milhares e milhares de lâmpadas eléctricas, acende-se, de repente, mergulhando a sala, os camarotes e as frisas em farta profusão de luz. Os olhos dos espectadores reparam agora no colorido e na vaporosidade dos vestidos das senhoras, formando violento contraste com as casacas negras dos cavalheiros. É uma cena de muita animação e graça; é uma noite de gala com qualquer coisa de palpitante, que desperta ao máximo a ansiedade dos espectadores. O público sente que vai acontecer o que quer que seja e aguarda impaciente o desenrolar dos acontecimentos, nessa atmosfera de luxo e de arte.

É então que se ouve a música admi-

rável da *Madame Butterfly* de Puccini. Da esquerda e da direita, surgem, saltitantes, graciosas Geishas, cadenciando os seus passos ao som da música, envolvidas por um círculo oscilante e prateado. Os olhos dos espectadores estão voltados para cima, quasi esquecidos de que se encontram na sala da Ópera.

As Geishas abandonam o «ring» de prata, e logo em seguida aparece Cavallini, interpretado pelo tenor Alessandro Ziliani, da Ópera de Milão. É a primeira vez que o célebre tenor trabalha em cinema. A sua voz, sonora e vibrante, enlão com emoção, o grande dueto final cujas palavras são simbólicas para ele (pelo menos no filme) porque se dirigem à cantora Jeanette (Carola Höhn) que festeja, nesse momento, o seu último triunfo no palco e o seu grande triunfo no amor, porque ama o tenor Cavallini.

O público da Ópera compreende o sentido duplo das palavras do dueto e aplaude, por isso, delirantemente.

Berlim, Dezembro de 1935.

M. B. SANTOS E SILVA

Filmes

O rei Lourenço XVII era, na verdade, um monarca infeliz: tudo lhe calhava mal. A sorte parecia fazer negações à sua real personalidade. Não podia sair do seu palácio sem que acontecessem as maiores desgraças.

Nem mesmo no interior da sua magnífica moradia, construída no tempo em que a prosperidade e a riqueza favoreciam o pequeno reino, estava ao abrigo dos malefícios da sorte. Porque, se abria uma janela, tinha a certeza prévia de apanhar uma constipação... real. E tudo pela mesma!

Sob o ponto de vista externo, as coisas não corriam melhor: as suas relações com os países limítrofes estavam perpetuamente tensas e o seu exército, equipado à antiga, conservava-se sempre de prevenção rigorosa.

Dentro do país, tudo caminhava mal. As finanças do Estado estavam em precárias circunstâncias e, como os negócios não se desenvolviam, os impostos não se cobravam, a despeito da crueldade dos fiscais, encarregados de alimentar as caixas do tesouro público.

Os agricultores, especialmente, viam-se em palpos de aranha para vender as colheitas e mostravam uma indiferença absoluta pelas necessidades do reino. As penhoras e hipotecas multiplicavam-se, sem que, infelizmente, tais rigores melhorassem o rendimento das contribuições.

* * *

O quinteiro Rocco, um bom velhote, indolente e cordeal, contava-se no número desses infortunados.

Em compensação, o irmão, era dos favorecidos: a exploração agrícola dava-lhe lucros apreciáveis.

Em lugar de se interessar pela sorte de Rocco, dava-lhe conselhos, apresentando-se sempre, como exemplo. Mas era incapaz de lhe emprestar um centavo, para o tirar de apuros.

* * *

Um belo dia, o quinteiro, recebeu a visita do oficial de diligências:

— A sua quinta vai à praça dentro de três dias!

Desesperado, Rocco escreveu uma carta ao Rei, na qual lhe significava a sua indignação, por tantos vexames.

Lourenço XVII comoveu-se com a leitura da carta. Um sorriso bonacheirão brilhou-lhe, depois, nos lábios:

— Ora até que enfim! Encontrei um homem tão infeliz como eu.

E resolveu-se a visitá-lo. A corte acompanhava-o.

Lá estava o general Spromn, a princesa Fiametta, filha única do soberano; o noivo desta, o príncipe Frittellini, herdeiro presuntivo do trono do país vizinho; a dama Turpulette, camarista chefe da casa real; e uma vintena de homens de armas. Tal era a escolta de S. M. Lourenço XVII — quando viajava... incógnito!

* * *

Pouco antes da chegada do soberano à quinta de Rocco, este recebera, do irmão, um cesto com vitualhas. Levava-o a linda Bettina, uma criada gentil, que ocupava, em casa do opulento lavrador, as modestas funções de guardadora de de perus.

Dentro do cesto, encontrava-se uma carta. Resava assim:

«Reflecti muito. Estou convencido de que, se és tão infeliz, querido mano, tal facto se deve a não teres uma mascote. Privo-me da minha para que afares, de vez, os azares da sorte. Trata-se de Bettina. Fica com ela. Dar-te-á felicidades.

Rocco não viu com bons olhos ter de alimentar uma pessoa a mais. Mas seguiu os conselhos do irmão. E não se arrependeu. Tudo começou a correr melhor. Os vinhateiros vieram-lhe dizer

que o vinho novo era melhor. Uma vaca, que tinha fugido, voltou ao curral.

E por fim, ao cair da tarde, el-rei entrou na sua modesta moradia.

* * *

Lourenço XVII achou o quinteiro muito simpático. Pôsto ao corrente do que se passava, ordenou que sustassem todos os processos que corriam contra ele. Comprou-lhe todo o vinho novo, não sem que, antes, com a sua tradicional pouca sorte, houvesse caído num balseiro.

Rocco emprestou ao soberano os seus fatos, e Lourenço XVII encontrou, numa das algibeiras, a carta que explicava o envio de Bettina, para a quinta.

Supersticioso, o monarca resolveu levar a mascote para a corte. Rocco foi nomeado camarista real e juntou-se à escolta.

Bettina ficou desolada. Amava Pippo, o pastor, que a idolatrava. Mas teve que cumprir as ordens reais. E o príncipe Frittellini, versátil e tolerante, ficou radiante com a perspectiva de ter na corte a linda mascote.

* * *

Elevada, pelas exigências do protocolo, à dignidade de Condessa de Panada, Bettina teve que suportar a monotonia e o aborrecimento da vida na corte. Um único desejo a animava: fugir para ir ter com Pippo.

Mas estava bem guardada. Rocco, que



Mascote

com Lucien Barouse

achára ideal aquela vida, velava pela sua segurança, bem como o general Sproum, sempre à espera duma «bernarda», que nunca rebentava.

* * *

A princesa Fiametta era tão cabeça no ar, como o noivo. Vira Pippo na quinta de Rocco e a sua beleza máscula, impressionára-a.

Fritellini, que via nessa súbita simpatia, um obstáculo para alcançar os seus desígnios, resolveu, pelo sim e pelo não, antecipar a data do casamento.

Pippo que anseava por falar a Bettina conseguiu introduzir-se no palácio, disfarçado em oficial. Quando tinham tudo preparado para fugir, foram descobertos por Rocco, que pôs o soberano ao corrente do que se passava.

Lourenço XVII tremeu:
— Agora tudo corre bem no meu país, e até no meu palácio, desde que cá está a mascote. Não me quero separar dela. Para a obrigar a ficar cá, não vejo outro remédio senão desposá-la.

— Desposá-la? repetiu Rocco, atônito. Não sabeis, senhor, que uma mascote perde o seu poder, desde que deixe de ser solteira?

— Não te dá isso cuidado. Farei Bettina rainha. E nada mais...

E ficou assente que o casamento se realizasse daí a dias, ao mesmo tempo do que o da princesa Fiametta e Fritellini.

* * *

O general Sproum organizou uma sumptuosa festa de noivado. Havia bailarino e o chefe, chamava-se Saltarello.

Na verdade, tratava-se de Pippo, que viera uma vez mais disposto a tentar tudo para fugir com Bettina.

Desmascarado novamente, foi condenado à morte e prêso.

E a princesa Fiametta, para salvar a vida do pastor resolveu renunciar a Fritellini e casar com ele. Lourenço XVII teve que ceder aos caprichos da filha.

* * *

Furioso, Fritellini abandonou o país e declarou-lhe guerra. O pequeno reino preparou-se para resistir ao invasor. O general Sproum marchou para a fronteira, com o seu minúsculo exército, que não tardou em ser dizimado.

O povo mostrava-se inquieto. E, certa noite, a esperada revolução rebentou...

* * *

O rei e os seus tiveram que fugir, disfarçados de músicos ambulantes. E tentaram passar a fronteira.

Pippo encontrou Bettina. Tudo se explicou. Os mal-entendidos desapareceram. E os dois amantes viveram novamente um para o outro. Rocco fez saber a Pippo que Bettina, se casasse, deixaria de ser mascote. Sobre o reino, cairia a desgraça.

Pippo prometeu respeitar Bettina. Esta, sem saber, o que se tramava, estranhava a indiferença do noivo. Rocco, porém, não os perdia de vista. Quando via o caso mais feio — aparecia.

Mas tudo tem seu fim. E Pippo e Bettina acabaram por cair nos braços um do outro.

* * *

Despeitada, a princesa Fiametta voltou-se novamente para o ex-noivo. Fritellini, pôs fim à guerra.

Lourenço XVII abdicou, a favor do seu genro.

Rocco, rico, continuou a ser o companheiro dilecto do ex-soberano, e presenteou Bettina e Pippo com a sua quinta.

Se um que houvesse perdido a mascote, o pequeno reino teve um soberano com uma sorte indiscutível, a despeito, diz-nos a história, da frivolidade da linda rainha Fiametta.

Os Filmes da Semana

Indicações para o exibidor e para o público

Nas asas da canção — A voz privilegiada de Grace Moore, a maior cantora do mundo, num filme musical delicioso. Canções integradas na acção, sem ser forçadas. Árias de óperas célebres, cantadas como só Grace Moore as sabe cantar. Um filme delicioso, «record» de receitas na América, com cifras assombrosas. (Estreado no Tivoli. Distribuição da S. U. S.).

Os Ronceiros da Índia — Indiscutivelmente, a melhor das farsas de Laurel & Hardy, com princípio, meio e fim. «Gags» novos — e de efeitos seguros. Uma paródia felicíssima aos *Lanceiros da Índia*. Laurel & Hardy, impagáveis, nas figuras grotescas de dois soldados escoceses, em luta com os infelizes. Um dos grandes espectáculos de gargalhada — da presente temporada. (Estreado no São Luiz. Distribuição Metro-Goldwyn-Mayer).

Roberta — Outro filme musical de grande categoria, com bailados formidáveis de Fred Astaire e Ginger Rogers, o par consagrado já pelo nosso público. Luxo e bom gosto. Alguns efeitos musicais novos e uma passagem de modélos, que as senhoras verão com prazer — parada de elegância, que maravilha. (Estreado no Palácio e Odéon. Distribuição da Aliança Filmes, L.ª.).

Regina — Uma comédia de bom corte cinegráfico, simples e tocante, realizada com aquele *savoir-faire* da escola alemã. Acção levemente romântica, enquadrada em cenários de bom gosto e baseada numa novela que se segue com prazer. Filme que agradará seguramente ao público. (Estreado no Central Cinema. Distribuição de Raul Lopes Freire, L.ª.).



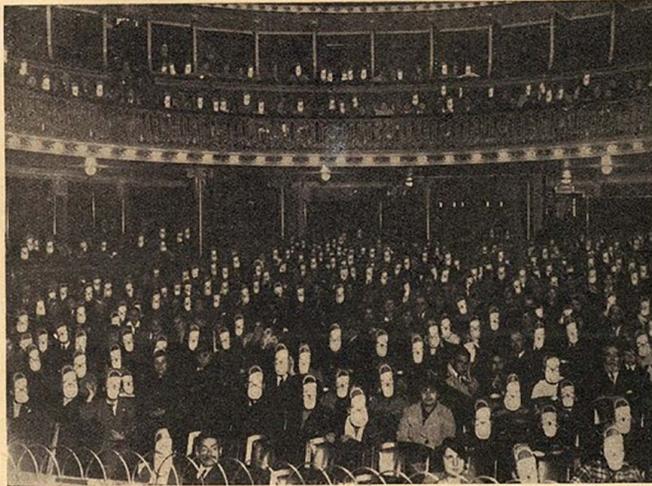
eu nunca me empôo em público

Os homens detestam ver uma mulher a empoar constantemente o nariz. Todavia, há muitas que julgam não existir outro meio de impedir que a pele se torne brilhante e luzidia. Eu notei, no entanto, que quando um bom pó está misturado com a «mousse de crèmes», como o Pó Tokalon com «mousse de crèmes», agüenta-se todo o dia, apesar do vento, da chuva, ou mesmo dançando numa sala de baile aquecida.

Tornando-se aderente e invisível, a «mousse de crèmes» contida no Pó Tokalon faz dêle também um maravilhoso tónico da pele — estimulando os tecidos e não obstruindo os poros. Agora, tenho sempre o rosto lizo, claro e delicado, o que as raparigas invejam e que todos os homens tanto admiram. O rapaz que recentemente me pediu em casamento disse que foram a minha pele e o meu rosto maravilhoso que o seduziram inteiramente.

Os Compactos Tokalon contém agora a «mousse de crèmes». O Pó e o Rouge são ambos muito aderentes. Qualquer coisa de novo, de diferente, de melhor.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.



Um aspecto da primeira reunião do Clube Bucha & Estica. No passado domingo 22, o «São Luiz» e o «Odéon» encheram-se de entusiásticos adeptos dos populares cómicos

O nosso número do Natal

O nosso número de Natal constitui um êxito magnífico. Um êxito artístico — e um êxito de venda. Porque, tendo-se aumentado a tiragem em muitos milhares de exemplares, o número de Natal do Cine-Jornal encontra-se esgotado na administração e na maioria das tabacarias e postos de venda.

Vários jornais referiram-se a êle nos mais elogiosos termos, bem como muitos postos de T. S. F., que reconheceram o nosso esforço e apreçaram o valor da revista sob o aspecto gráfico e de colaboração — tanto um como outro dos mais notáveis.

Não nos moveram intuítos comerciais e especulativos. Tanto assim, que recusamos muita publicidade, para não privar o leitor de artigos que lhe interessavam.

Todos reconheceram o facto. Era isso que pretendemos e isso nos basta! E preparem-se para grandes surpresas!...

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

F E M I N A

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores — Capa a cores Esc. 1\$50

STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

STADIUM

Tem 16 páginas cheias de ótimas e flagrantíssimas gravuras por retrat.

Lêr CINE-JORNAL é andar a par do cinema de todo o mundo

M. CAMPOS

A felicidade depende da Beleza e esta dos tratamentos da

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Mme. Campos

AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — LISBOA

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Editora, Lda (em organização)
Redacção e Administração: T. de Condessa do Rio, 27
Telefone: 2 1463 e 2 1227

comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda
Trav. da Condessa do Rio 27 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

32 números 1 ano	48\$00
25	6 meses 24\$00
12	3 meses 12\$00
Estrangeiro e Colónias, 32 num. 1 ano	65\$00

Visado pela Comissão de Censura

DOIS GRANDES FILMES



nao há maior amor



par organizar os seus programas com os mais modernos e melhores filmes europeus.

das que mais agradurão aos que buscam, na tela, espectáculos agradáveis e de sabor novo.

* * *

* * *

A vida, cheia de amor e de dedicação, da formosa artista Maria Baschkirzeff tentou a pena de vários escritores de envergadura,—de facto, a paixão que inspirou à insinuante mulher o célebre Guy Maupassant presta-se admiravelmente para o romance. Albéric Cahuet é, talvez, de todos que nos descrevem esses amores, aquele que mais se cinge à verdade.

Não há maior amor é o filme que arrebatou as plateias de Viena de Áustria, que assombrou a crítica de Paris pela inexcelsível interpretação de Lilli Darvas e de Hans Jaray, e que comoveu Berlim,—não obstante serem israelitas alguns dos artistas, que aparecem na melhor realização do já hoje consagrado Hermann Kosterlitz.

Lilli Darvas apresenta-se, pela primeira vez, em cinema, e tanto bastou para a crítica unânime a considerar uma das melhores, senão a melhor artista dramática da Europa. Hans Jaray, que se celebrou na Sinfonia Incompleta, dá-nos um Maupassant cheio de realidade. Szoek Szakall, tão conhecido das nossas plateias, segundo o «Neue Wiener Zeitung», alcançou, no difícil e ingrato papel de dr. Walitzky, a sua corôa de glória. Attila Hoerbiger interpreta com inigualável realismo a figura rude, mas sincera, do pintor Basstieux, inimigo de Maupassant.

* * *

Não há maior amor é um filme que nenhuma senhora deve deixar de ver. A Sociedade Importadora de Filmes, Lda, ao apresentar, em Portugal, esta produção austriaca, de superior valor, certifica que não se poupa a esforços

O outro grande filme da Sif é A Vida Parisiense, com Max Dearly e Conchita Montenegro, porventura um dos filmes mais notáveis que o cinema francês tem realizado. Toda a graça e todo o espirito do fim do século XIX se encontram condensados neste filme delicioso, animado do principio ao fim por uma partitura lindíssima, um prodígio todo êle de bom gosto e leveza. Condimenta-o aquela malícia relintamente francesa, um picante nunca exagerado — tão grato ao paladar das nossas plateias.

Acêrca d'êste filme que a crítica inteira elogiou, escreveu um jornalista: Assisti às filmagens. Vi, depois, algumas passagens. Garanto-vos: ê das obras que vão ficar na memória de todos, e

A Sif, escolhendo estes dois filmes, andou avisadamente. E tudo nos leva a crer, pois, que continua a navegar na marê dos êxilos, na esteira deixada pela Fanfarra do Amor, um dos filmes que, esta época, em Lisboa e no Porto, o público distinguiu, de longe!

Aguardemos agora, ansiosamente, Não há maior amor, com a revelação de Lilli Darvas, e A Vida Parisiense, com Conchita Montenegro e o fantasta máximo da tela francesa: Max Dearly.



DOIS EXCLUSIVOS DA



a Vida Parisiense



SIF SOCIEDADE IMPORTADORA DE FILMES

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 11 — 30 DE DEZEMBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



- ATÉ O FIM DO ANO: O Bonus de um mês de graça, aos novos assinantes que se inscreverem